



SIMULADO 1



**INSTITUTO
FERNANDO MOURA
DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

CONSULTORIA E CURSOS ESPECIAIS

Professor Fernando Moura

Mestre em Ciências da Linguagem/Linguística Textual, bacharel em Direito,

autor de várias obras, professor e palestrante.

Instagram: fernandomouraft

Portal: www.proffernandomoura.com.br

SIMULADO 1

Texto 1

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 3.

Quem disse que a democracia era eterna? Ninguém. Mas palpita ainda no coração do homem civilizado a crença de que essa forma de governo estará entre nós até ao fim dos tempos.

Uma ideia tão otimista seria risível à luz da história do pensamento político. Platão é o exemplo mais extremo: a democracia faz parte de um movimento cíclico de regimes – e, para ele, é uma forma degenerada de governo.

Depois da democracia, haverá um tirano para pôr ordem no pardieiro; e, depois do tirano, haverá novamente uma aristocracia, que será suplantada por uma timocracia, que será suplantada por uma oligarquia, até a democracia regressar. Nada perdura.

É precisamente esse pensamento lúgubre que percorre uma moda editorial recente – livros sobre o fim, real ou imaginário, da democracia liberal.

Em seu recente “How Democracy Ends”, David Runciman lida com os contornos desse hipotético fim: se a democracia chegar ao seu termo, não teremos uma repetição da década de 1930, defende. Não teremos violência de massas, movimentos armados, tanques nas ruas. Vivemos em sociedades radicalmente diferentes – mais afluentes, envelhecidas, conectadas. E, além disso, conhecemos o preço da brutalidade autoritária e totalitária. As nostalgias

reacionárias são coisa de jovens: eles desejam o que ignoram e ignoram o que desejam.

Mas se os “golpes tradicionais” são improváveis, há formas invisíveis de conseguir o mesmo objetivo: pela gradual suspensão da ordem legal; pelo recurso a eleições fraudulentas; pela marginalização dos freios e contrapesos do regime.

A democracia só sobrevive porque somos capazes de gerir as nossas frustrações quando os resultados nos são desfavoráveis. Essa tolerância diminui de ano para ano.

E diminui sob o chicote das redes sociais. Runciman acredita que o principal problema do mundo virtual está no poder praticamente ilimitado que os gigantes tecnológicos exercem sobre os usuários.

Pessoalmente, vim a entender o meu temor: o poder praticamente ilimitado que os usuários exercem sobre os poderes Executivo, Legislativo e até Judiciário. A democracia representativa, como a expressão sugere, sempre foi um compromisso feliz entre a vontade do povo e a capacidade dos mais preparados de filtrar as irracionalidades do povo.

O filtro perdeu-se com essa espécie de “democracia direta” que é exercida pela multidão sobre os agentes políticos.

Para que não restem dúvidas: não acredito em formas de governo eternas. Mas, até prova em contrário, a democracia liberal é o único regime que garante a liberdade política e a dignidade pessoal dos indivíduos, bem como a prosperidade sustentada das suas sociedades, uma vez que história ilustra a tese.

Mas a história do presente também nos mostra que cresce no Ocidente um certo “cansaço democrático”. E que partes crescentes do eleitorado, por ignorância ou desespero, estão dispostas a trocar a liberdade e a dignidade da democracia por expedientes mais radicais e securitários. Por quê?

Devolvo a palavra a David Runciman. Para o autor, a democracia disseminou-se nos últimos dois séculos porque havia uma narrativa aspiracional a cumprir.

Era necessário dar voz política a todos os cidadãos (pobres, mulheres, negros etc.) e integrá-los na mesma rede de direitos e deveres (a grande tarefa do pós-Segunda Guerra). Os Estados tinham ainda recursos materiais e institucionais para cumprir com razoável êxito esse programa. Eis a ironia: o cansaço democrático explica-se pelo sucesso da própria experiência democrática.

Ninguém sabe como será o futuro dessa experiência – para Runciman, a democracia vive a crise da meia-idade. Resta saber se essa crise destrói o casamento ou o torna mais forte.

É uma boa metáfora. Que convida a outra: o casamento só irá sobreviver se a maioria conseguir redescobrir, com novos olhos, as virtudes que permanecem no lar.

1) Com base nas ideias do texto, é correto afirmar que o autor trata da democracia por meio de

(A) uma perspectiva negativa da permanência dos regimes democráticos nas sociedades modernas, ameaçados por movimentos de grupos conscientizados, favoráveis a medidas menos despóticas.

(B) uma análise crítica de fatores do mundo contemporâneo que têm colaborado para que exista o esmorecimento da crença em princípios democráticos.

(C) uma visão paradoxal das bases que sustentam os sistemas democráticos, com vistas a expor práticas sujeitas a controle da sociedade e não perder de vista a vontade coletiva.

(D) uma exposição da descrença na possibilidade de permanência desse sistema político, em razão das reivindicações de massas no tocante à real representatividade nas instâncias de poder.

(E) uma predição das consequências negativas da ação das redes sociais sobre os representantes do Estado e da importância do reacionarismo para a preservação do regime democrático.

2) Considerando-se o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) Uma ideia tão otimista seria risível ... = Uma ideia tão esperançosa seria impossível...

(B) ... haverá um tirano para pôr ordem no pardieiro = ... existirá um democrata para pôr ordem no pardieiro

(C) ... será suplantada por uma timocracia = ... será incentivada por uma oligarquia

(D) ... somos capazes de gerir as nossas frustrações = ... somos capazes de tangenciar as nossas frustrações

(E) ... expedientes mais radicais e securitários = ... expedientes mais extremados e seguros

3) “Ninguém sabe como será o futuro dessa experiência – para Runciman, a democracia vive a crise da meia-idade. Resta saber se essa crise destrói o casamento ou o torna mais forte”. O segundo período, em relação ao primeiro, constitui um (uma):

(A) argumento de autoridade.

(B) falácia.

(C) analogia.

(D) relação de causalidade.

(E) círculo vicioso.

Texto 2

Leia o texto a seguir para responder às questões de 3 a 5.

O comício em praça pública já era.

Hoje, não passa de uma lembrança folclórica, mais ou menos como o bumba-meu-boi, o saci-pererê, Jânio Quadros e amendoim em estádio de futebol. Palanque já era. Candidatos que faziam corpo a corpo, caravanas que percorriam o interior em linhas tortuosas, como a Coluna Prestes, cabos eleitorais que perseguiam eleitores nas cercanias dos lugares de votação, como traficantes perseguem adolescentes nas esquinas das escolas, tudo isso **é** passado, **são** práticas primitivas e pouco produtivas. Persistem apenas como nostalgia. **Ou**, no máximo, persistem como complementos de estratégias muito mais complexas. Desde 1989, o *modus operandi* das campanhas eleitorais passou por uma intensa reengenharia no Brasil. Virou uma indústria especializada ou, mais exatamente, virou um ramo especializado da indústria do entretenimento. O seu palco não é mais a rua: é a televisão.

Em 2002, os comícios ainda acontecerão, por certo, mas acontecerão nas brechas deixadas pelos compromissos prioritários dos candidatos: aparições televisivas. A ida de um candidato a uma cidade terá agora uma função meramente complementar: a de reforçar a mensagem trabalhada na TV. Os candidatos, que antes visitavam municípios, e tinham nisso uma prioridade, agora percorrem programas de auditório, programas de entrevistas, programas de debates. São andarilhos virtuais. A geografia em que se movem não é mais aquela das linhas ferroviárias (sempre havia um vagão que servia de púlpito ao candidato em trânsito, o postulante ambulante, o orador mambembe). Sua nova geografia é a grade de programação dos canais abertos.

Campanhas eleitorais como a que veremos neste ano constituem a principal evidência de um fenômeno muito recente, mas crucial: a TV recobre e substitui os espaços físicos. Minutos no horário eleitoral se **convertem** na principal moeda de troca na hora de se **negociarem** as alianças. Um marqueteiro passa a valer mais que mil ideólogos. Vale milhões de dólares. Pode valer a faixa de Presidente da República.

Não que os marqueteiros tenham poderes mágicos sobre eleitores passivos e teleguiados. Não é isso. Acontece que a linguagem da campanha, que antes era o discurso político, passou a ser a linguagem da publicidade. Eu não quero dizer que a publicidade seja mais ou menos racional que o discurso político: é apenas outra língua. Antes, o discurso político até se valia de um certo *marketing*, no sentido de que lançava mão de recursos teatrais. Jânio Quadros, por exemplo, usava sanduíches de mortadela para comover a audiência. A diferença é que, hoje, em vez de o discurso político ter o seu *marketing* artesanal, a megaindústria do *marketing* é que contém a política. A política se tornou uma das especializações do *marketing*.

Ideólogos, que entram em extinção como as ararinhas azuis, não falam a língua do *marketing*. Por isso, **pobrezinhos**, são tão inúteis quanto um fogão a lenha. O público de eleitores, essa vasta plateia de consumidores vorazes, já não tem ouvidos para ideólogos, **mas**

compreende perfeitamente os apelos publicitários. Talvez não tenham mudado as motivações que levam um cidadão a votar neste ou naquele político, mas mudou, certamente, a língua que esse cidadão reconhece como sendo sua. Claro que ele é capaz de formar seu próprio juízo das coisas ou, pelo menos, é tão capaz como sempre foi, nem mais nem menos. Hoje, porém, prefere ver um comercial partidário ou uma entrevista de TV, e dali tirar sua opinião, a ter de se arrastar até um comício sob o sol para divisar a fisionomia de quem lhe pede confiança.

É isso o que significa dizer que a política, hoje, é resolvida segundo os paradigmas do consumo, da imagem eletrônica e do entretenimento. Praça pública, ora essa. Isso é do tempo em que as bandinhas bufavam em cima dos coretos.

Luís Fernando Veríssimo.

4) No tocante aos elementos de estruturação do texto e às estruturas linguísticas, assinale a opção correta.

(A) O quarto parágrafo apresenta, em sua estrutura, tópico frasal, desenvolvimento e conclusão.

(B) O texto possui a verbosidade como marca, pois o autor se utiliza de muitas palavras, mas, na realidade, são produzidas poucas ideias.

(C) O trecho que vai de "Persistem..." (linha 7) até "... mais complexas" (linha 8) é de legítima subordinação, embora o autor procure disfarçar-lhe os enlaces sintáticos por meio da utilização do sinal de ponto, antes no conectivo "Ou" (linha 7).

(D) Em "O público de eleitores, essa vasta plateia de consumidores vorazes, já não tem ouvidos para ideólogos, mas compreende perfeitamente os apelos publicitários", as formas verbais "tem" e "compreende" podem ser registradas no plural para concordar com "eleitores" ou "consumidores".

(E) A ortografia constitui elemento extrínseco da produção textual; por isso, grafam-se como "teleguiado" (linha 27) os seguintes vocábulos: **teleentrega**, **telesserenata** e **telemensagens**.

5) Quanto aos sinais de pontuação empregados no texto, assinale a opção correta.

(A) As duas últimas entrevírgulas usadas antes de "tudo isso" (linha 6) podem ser substituídas por travessões ou parênteses seguidos de vírgula, sem prejuízo sintático e semântico.

(B) Na linha 31, as vírgulas que isolam a expressão exemplificativa "por exemplo" são opcionais.

(C) Na linha 36, usaram-se entrevírgulas para isolar vocativo.

(D) Na linha 38, a vírgula antes da conjunção adversativa "mas" é opcional.

(E) Na linha 45, a vírgula antes de "da" insere o aposto explicativo que reitera ou reforça "consumo".

Texto 3

Um governo, ou uma sociedade, nos tempos modernos, está vinculado a um pressuposto que se apresenta como novo em face da Idade Antiga e Média, a saber: a própria ideia de democracia. Para ser democrático, deve contar, com base nas relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, por meio de suas formas de participação/representação.

Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos — e, muitas vezes, conflitantes, como os direitos liberais de liberdade, de opinião, de reunião, de associação etc. —, tendo como pressupostos informativos um núcleo de direitos invioláveis, conquistados, principalmente, desde o início da Idade Moderna, e ampliados pelo Constitucionalismo Social do século XX até os dias de hoje. Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis.

Rogério Gesta Leal. Poder político, estado e sociedade. Internet: (com adaptações).

6) No que se refere à organização das ideias e a aspectos gramaticais do texto 3, assinale a opção **incorreta**.

- (A) O segundo parágrafo do texto evidencia a condição de o debate e a reflexão sobre os direitos humanos vinculados aos interesses coletivos estarem na base da ideia de democracia.
- (B) O desenvolvimento das ideias revela que, na linha 4, a flexão de singular em “deve” estabelece relações de coesão e de concordância gramatical com o termo “democracia”.
- (C) Associa-se a conquista dos “direitos invioláveis” a um processo gradativo e contínuo, conforme evidencia o emprego das preposições “desde” e “até”.
- (D) Em “Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis”, a palavra “se” indetermina ou generaliza o sujeito.
- (E) O sujeito sintático da forma verbal “apresenta” (linha 2) é o termo “que”.

7) O vocábulo “vinculado” (linha 1) não admite, por traduzir prejuízo para o sentido original, a substituição por

- (A) enleado.
- (B) ligado.
- (C) cingido.
- (D) associado.
- (E) transfegado.

8) “Não que os marqueteiros tenham poderes mágicos sobre eleitores passivos e teleguiados. Não é isso. Acontece que a linguagem da campanha, que antes era o discurso político, passou a ser a linguagem da publicidade. Eu não quero dizer que a publicidade seja mais ou menos racional que o discurso político: é apenas outra língua”. Com base nesse trecho, assinale a opção incorreta:

- (A) “Não é isso” é marca ou sinal de refutação.
- (B) O termo “da campanha” é o agente de “linguagem”.
- (C) O pronome “Eu” constitui marca de subjetividade no trecho.
- (D) Na linha 4, o conectivo “que” tem valor comparativo.
- (E) O trecho “é apenas outra língua” exemplifica a função fática da linguagem.

9) Assinale a opção que indica corretamente a falácia empregada:

- (A) Gudesteu é corrupto, por conseguinte vem de uma família com pessoas corruptas – Falácia da redução excessiva.
- (B) Os problemas educacionais causaram pouco investimento no ensino fundamental e médio – Falácia do círculo vicioso.
- (C) Não me espanta que o deputado Y defenda a legalização do aborto. A sociedade brasileira sabe que ele é membro de uma seita estranha - Falácia *ad hominem*.
- (D) Como o deputado apresentou o projeto e é competente, todos devemos aguardar só os excelentes resultados – Falácia do falso axioma.
- (E) O Deputado Z é o melhor parlamentar de todos os tempos. Isso porque nenhum outro parlamentar se igualou a ele – Falácia da falsa relação de causalidade.

10) Assinale a opção que apresenta adequação sintático-semântica.

- (A) O deputado crê e defende sempre o projeto de lei.
- (B) A nomeação do deputado é imprescindível.
- (C) Não se sabe onde se dirigiu o assistente.
- (D) Custei a compreender a fala do deputado.
- (E) Custou-me entender os argumentos da Comissão.